

## NOTA DO EDITOR

---

### A Brutalidade da Vida

Interim pœna est mori,  
 Sed sæpe donum; pluribus veniæ fuit  
*Às vezes, a morte é uma punição; frequentemente,  
 uma dádiva; tem sido um favor para muitos.*

Lucius Annaeus Seneca,  
*Hercules Cætæus. CMXXX*

Vetat dominans ille in nobis deus,  
 injussu hinc nos suo demigrare  
*A divindade que governa dentro de nós, nos proíbe  
 de deixar este mundo sem o seu comando.*

Marcus Tullius Cicero,  
*Tusculanarum Disputationum. I.30*

As mortes de Séneca e Cícero foram actos deliberados do terror de estado em Roma. Cícero tinha dirigido a sua oratória contra Marco António e, na altura da formação do triunvirato com Octávio e Lépido, teve a cabeça e as mãos cortadas e expostas no forum romano, em 43 a.C. Segundo uma tradição, Fúlvia, a então mulher de António, teria usado o alfinete com que prendia o cabelo para, várias vezes, picar a língua de Cícero. Cerca de um século mais tarde, em 65 d.C., Séneca, que fora tutor de Nero, quando este era criança, e seu conselheiro, quando aquele era já imperador, foi obrigado a cometer suicídio, por uma acusação infundada de Nero de ter feito parte de uma conspiração contra ele, mas, muito plausivelmente, apenas pelo puro prazer de, depois de matar a mãe e a mulher, como seria bom matar o mestre também. O horror da morte de Séneca, cujo corpo macerado se recusava a morrer, depois de sucessivas ordálias, ficou testemunhado por um conhecido texto de Tacitus. A contradição entre o iluminado pensamento romano sobre a condição humana e, por outro lado, as enormidades de uma época em que não se respeitava nada que era humano, continua, ente nós, de outras formas, apesar da radical conversão da presente ordem das coisas. O que está em causa é a persistência da brutalidade da vida, no sentido

não simplesmente de como a vida pode ser violenta, mas o próprio problema de estar aqui.

Neste sentido, o artigo de Laura Ferreira dos Santos trata de antecedentes greco-romanos da discussão hoje actual do suicídio assistido, ou de ajudar alguém a consumir a sua morte, enquanto um acto de vida e do comando da sua própria história. A metáfora organizante do artigo é ideia de que, em Verdi, a morte operática acontece, tipicamente, depois de uma cantata. Ainda que sem entoações líricas, a questão colocada pelos defensores do suicídio assistido é o crucial direito de cada um ser dono da sua voz até ao fim. Como acontece hoje, Séneca e Cícero tinham ideias diferentes, segundo as epígrafes que citei acima, acerca do significado metafísico do acto de morrer, embora ambos representassem a morte como uma dádiva. Cícero acreditava que a morte era dada e dirigida pelo princípio divino do mundo. Séneca, mesmo não defendendo, necessariamente, o contrário, ficou conhecido, porém, pelas exortações de que mais do que a morte, o pior é viver com o medo de morrer ou, pior ainda, viver por viver.

A epígrafe acima é retirada de uma tragédia, acerca da morte de Hércules, no monte Oeta, na Grécia, que, embora tradicionalmente atribuída a Séneca, é, provavelmente, a obra de um autor posterior, acredita-se hoje, mas que copiou bem o estilo e as ideias de Séneca. Na verdade, o fundamental, para Séneca, é que a morte, mais do que um castigo por parte de quem tem poder sobre aqueles que não o têm, era uma dádiva que podia ser dada por Deus, por quem nos ama e, claro, pela própria pessoa, no comando da sua decisão de morrer. A parte final do artigo de Laura Ferreira dos Santos faz um uso brilhante da passagem clássica de Tacitus, sobre a morte de Séneca, como um clímax acerca da impossibilidade radical de abolir a presença de cada um na sua morte. E se Séneca, afinal, cometeu suicídio em resultado de uma escolha compulsória imposta pelo imperador maníaco, a sua morte difícil é também uma ironia acerca da fundamental ilusão do poder, político ou ideológico, em ser o dono da morte dos outros.

O artigo seguinte é da autoria de Vasco Almeida, constituindo uma fecunda argumentação acerca das possibilidades da teoria da inovação, com ênfase no papel do capital social numa agenda social de desenvolvimento, bem como na própria recompreensão das relações entre teoria, economia e sociedade no volatilizado contexto actual. Os dois artigos seguintes têm origem no Simpósio 'Carlos Amaral Dias e o Nexus Psicanalítico' que teve lugar em Coimbra em 3 de Outubro de 2008, na sequência do número anterior de Interacções, o número especial com o

mesmo título. A abordagem de Clara Pracana é orientada para a relação entre autoria e pensamento, explorando o comprometimento do pensamento psicanalítico com a expansão da realidade e de pensar o que um dia já foi impensável. O texto de António Coimbra de Matos constituiu a Conferência de Abertura do Simpósio, um testemunho de enorme maturidade intelectual e perspicácia crítica, publicado aqui, na íntegra, excepcionalmente sem referências bibliográficas ou outra marginalia, na forma de conferência. Estes dois artigos que abriram o debate do Simpósio de Outubro de 2008 são incluídos neste número de Abril de 2008, uma vez que esta revista publica textos com menção cronológica a acontecimentos, no período de seis meses antes e seis meses depois da data de publicação de cada número semestral (Abril e Outubro).

Uma mudança importante, neste número, é que deixamos de publicar a segunda parte da revista, dedicada a artigos retirados das teses de mestrado realizadas e defendidas no Instituto Superior Miguel Torga, devido à passagem ao Processo de Bolonha e os novos modelos na realização de trabalhos de 2º ciclo. A partir de agora, textos eventualmente com origem em dissertações de 2º ciclo, no âmbito do ISMT, serão submetidos como outros artigos e, se aprovados, publicados na secção de ensaios críticos.

No entanto, a mudança mais significativa, e uma grande notícia para nós, é que *Interações* foi formalmente indexada no Catálogo Latindex, constituindo uma recompensa para o trabalho que muitos dedicam ao desenvolvimento desta revista, e para a responsabilidade e o compromisso crítico com a convicção irresistível de que, se não podemos criar este pequeno mundo outra vez, podemos fazê-lo crescer.